



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

30 de Agosto de 2008 • Ano LXV • N.º 1682
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



Angola-Malanje

A dificuldade de voos diários de Luanda para Malanje bem como a surpresa de, à última hora, os voos cancelados, sem razões de peso, levaram-nos a fazer a viagem de Luanda-Malanje de «táxi» — uma autêntica aventura. Ainda bem cedo, mergulhámos num dos bairros periféricos de Luanda, lá para os lodos de Viana, pejado de pessoas, carros e matas de todos os cilindrados, em turbilhão. Acompanhava-nos a nosso Carlitos, responsável da Lar de Luanda. Dotado de um expediente invejável, em pouco tempo fretou o dito transporte. Entretanto nós íamos esperando que o motorista fosse enchendo o Land Cruiser até aos doze passageiros requeridos para que a viagem se pudesse efectuar o mais económico possível. Dois mil e quinhentos cuanzas, cerca de vinte e cinco euros por pessoa. A viatura, aparentemente robusta e em bom estado de conservação, por volta das 10h00 da manhã ficou cheia com o número requerido. O mais difícil, a partir de agora era sair do labirinto em que estávamos mergulhados neste bairro, na direcção da estrada Luanda-Malanje: numa distância de 430 quilómetros. Recentemente asfaltada, reduziu-nos a ansiedade face às histórias que tínhamos ouvido sobre o «calvário» que era, em outros tempos, não longínquos fazer-se a esta estrada. Tive a sorte de ser o primeiro passageiro a apanhar lugar, mesmo à frente. Ao meu lado seguia «Pápó», um simpático gaiato, universitário e chefe do Lar do Gaiato de Luanda. Tranquilo e habituado já a estas «andanças» foi para mim uma companhia reconfortante.

A viagem decorreu, felizmente, sem incidentes. Os meus companheiros sabiam que eu era padre do Gaiato e que rumava para Malanje. Pelos diálogos acalorados ao longo da viagem, percebemos que todos professavam a fé cristã. Percebiam-se claramente as diferenças, o que levava a supar diferentes práticas, confissões e formação doutrinal. A partir do alto do Dondo, a viagem tornou-se mais tranquila. Na paisagem circundante predominavam os

embondeiros, árvores monumentais que só conhecíamos na nossa imaginação... A viagem continuou até Malanje, agora entre-cortada pelas brigadas da polícia sempre prontas, prestáveis e conhecidas dos condutores.

Avizinhava-se o entardecer já no horizonte quando parámos ao portão da Casa do Gaiato de Malanje que fica junto da estrada e a cerca de 10 quilómetros da cidade de Malanje.

Ao chegar, alguns miúdos acercavam-se confundindo-me com o Padre Telmo... Sobre ele choviam

Continua no página 4

Outubro

É também mês de Pai Américo. Em Julho celebrámos o seu nascimento para o Céu; e no dizer dele — «a minha vida conto-a desde a ordenação sacerdotal; o resto foi tempo perdido» — também para o mundo. Mas 23 de Outubro de 1887 marca efectivamente a sua vinda; e o próximo encerra um ano em que muitos, de fora e de dentro, quiseram assinalar os 120 anos do dom que dele Deus fez para os homens.

Por isso, vamos anunciar já (que a periodicidade quinzenal d'O GAIATO não nos dá largas!) dois acontecimentos que terão lugar no Porto e que hão-de mobilizar muita gente, assim o queremos e esperamos.

O primeiro é um grande Encontro no Coliseu no dia 9 de Outubro, às 21h30. Este Encontro é um regresso distanciado 21 anos do último e depois de tantos que desde o fim dos anos 40 do passado século, com regularidade anual, levaram multidões à Festa dos Gaiatos.

Confesso que durante esta longa ausência são incontáveis as ocasiões de alegria e de dor, perante os protestos de tantos Amigos que nos interpelavam: «Então, quando voltam ao Coliseu?» De alegria, na constatação dessa necessidade manifestada, plena de afecto; e de dor, frente à nossa incapacidade de corresponder. É que, após a primeira aparição de Pai Américo, ele só, no Teatro de S. João, a anunciar o começo da Casa do Gaiato em Paço de Sousa (de que ouvi testemunhos impressionantes) e da presença dos Gaiatos no Coliseu ainda pela mão dele, houve uma evolução no sentido de espectáculo, mercê do talento de Rapazes que assumiram toda a responsabilidade da produção e organização das Festas, que atingiram, sem favor, alto nível. Há 21 anos ainda assim foi, sob a direcção do nosso Bernardino, que Deus tem. Depois veio a Escola sempre a ocupar mais os Rapazes; e ficou o nosso jeito nenhum para preparar, em circunstâncias cada vez mais complicadas, uma Festa

Continua no página 3

PÃO DE VIDA

D. Manuel de Almeida Trindade

NO passamento de D. Manuel de Almeida Trindade, com 90 anos, a 5 de Agosto, em Coimbra, é imperioso lembrar, ainda que em jeito de simples memória, alguns traços da sua ligação escolar e espiritual com o Padre Américo.

A Celebração Eucarística na Sé Nova de Coimbra, a 7 de Agosto, antes de partir para as terras do Vouga, constituiu uma homenagem eclesial muito sentida à marca indelével que deixou, à vista do Mondego. Foi um Bispo «apaixonado de Cristo e com paixão pela Igreja» — frisou o Senhor D. Albino, Bispo de Coimbra.

Quando batemos à porta da Casa do Clero, rogando sacerdotes para celebrar a Reconciliação aos Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, testemunhámos os cuidados e carinho com que era acompanhado este venerando Prelado, no seu caminho ascendente.

Desempenhou na Igreja relevantes missões, como Vice-Reitor do Seminário Maior de Coimbra, Bispo de Aveiro e Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa. Também participou no II Concílio do Vaticano e foi Professor universitário. As suas publicações são boas achegas para a história da Igreja em Portugal e revelam a sua inteligência e o carácter sacerdotal.

Vejam, então, como se encontraram estas figuras da Igreja, em alguns momentos.

Em Setembro de 1929, o Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, nomeou o Padre Américo (ordenado Presbítero a 28 de Julho) como Prefeito dos alunos médios do Seminário de Coimbra, que nessa altura habitavam na Segunda Prefeitura, e encarregado de reger a disciplina de Português, dos preparatórios. O Padre Américo foi um bom Professor, deixando nos alunos, seminaristas, uma impressão positiva como pedagogo.

Tinha passado o primeiro trimestre de 1929-1930, quando, a 13 de Janeiro, desse ano, foi examinado um aluno admitido com atraso, que tinha feito a 4.ª classe, de nome Manuel de Almeida Trindade, que provinha do lugar de Famalicão, na freguesia de Arcos de Anadia, conhecido pela Rússia da Bairrada. O exame de admissão foi no gabinete do Vice-Reitor, Cónego Tomás Fernandes Pinto. Depois, foi seu Professor de Português até final do ano lectivo.

Recordou, desse tempo, uma prescrição, no Seminário: «Nunca mais me esqueci da insistência que o Padre Américo fez (o grande educador que havia de ser o Padre Américo dos Gaiatos!) para eu trocar os calções e o casaco azul com que entrara no Seminário por uma batina».

Continua no página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PRAIA DE AZURARA — Em 21 de Julho chegou o primeiro turno à praia de Azurara, Vila do Conde. Cada Rapaz foi colocado e arrumou a sua «trouxa» na respectiva camarata, junto à sua cama.

Os chefes são, o «Almeidinha» e o «Botija». Os cozinheiros: Pedro e Abílio. Aos restantes Rapazes foram distribuídas tarefas: Na copa: Miguel Ângelo, Manuel, Octávio e «Joaninha», e outros tantos para os substituir. No refeitório: «Guga» e Francisco. Limpeza das camaratas e companhia: Vicente e Zé Reis. Tachos: Hugo Pina. Pequeno-almoço e merenda: Carlos «Vimioso». Salão e capela: «Pinheiro». Serventes: Dino e Mário. Casas-de-banho: Sérgio e Roberto.

Após pequena reunião para distribuição de tarefas e esclarecimento das regras, arrumou-se a casa.

ANIMAIS — Em 20 de Julho, dia do Encontro do Antigos Gaiatos em nossa Casa, de Paço de Sousa, nasceu um vitelinho, que ajudou a alegrar esse grande dia.

Um antigo gaiato («Cavalo de Pau»), de visita à nossa vacaria, deu conta do nascimento difícil e deitou mãos, ajudando ao nascimento. Depois, fomos chamar o «Meno», responsável pelos animais, para ver se estava tudo bem com o recém-nascido. Graças a Deus tudo correu bem.

Zé Reis

ESCOLA — Estão prestes a começar as aulas. Os Rapazes já sentem as férias a terminar e o dever de se aplicarem neste próximo ano lectivo. Os que passaram para o 10.º ano estão ansiosos por começar a trabalhar na área que querem prosseguir. O «Bonguinha» fez provas, na Escola Balett/Teatro do Porto, de interpretação na área do teatro: «E graças às pessoas que sempre me apoiaram, passei. Obrigado.»

Um bom ano lectivo para todos.

Ismael Caliano

DESPORTO — O nosso balneário foi, mais uma vez, «visitado». Desta vez, com contornos muito mais graves! O miúdo em causa é especialista na matéria. E utilizado como e por quem foi, «pior está o doente». Já não é a primeira vez que isto acontece. Há uns tempos atrás, o chefe castigou os atrevidos.

Pai Américo, conta (nos seus escritos) que um dos nossos Rapazes da limpeza da Casa II, foi ter com ele e pediu-lhe que o mudasse de obrigação. E acrescenta:

«(...) Ele é inclinado ao furto. Ele tem vindo muitas vezes ó tribunal, responder por furtos. Por isso dá as suas razões:

— É que eu nas casas dá-me na cabeça.

— Dá-te na cabeça?

— Sim. Há lá muitas coisas e eu dá-me na cabeça e roubo (...).

Ora bem. É o que alguns... deviam fazer. Pedir para serem mudados já que também não são capazes de ver e deixar estar; utilizar e depois colocar novamente no sítio.

«Tire-me das casas». Mas para isso, era preciso que tivessem consciência, vontade de mudar e coragem, como o «Joaquim de Cinfães» que procurava, ele próprio, a cura para o seu mal.

Que pena, que não hajam mais Joaquins...

Que ninguém me venha dizer que os tempos são outros. Os tempos são, aquilo que nós queremos que sejam. É preciso continuar a fazer tribunais...

No dia 20 de Julho, realizou mais um desafio de futebol de carácter particular. Gaiatos+Novos contra Gaiatos+Velhos. Eu não gosto de dizer antigos gaiatos, porque para mim, todos aqueles que por aqui passaram, serão sempre Gaiatos.

Ainda na parte da manhã, falava com um dos Gaiatos+Velhos e ele dizia-me:

— ... Eu sou o «Batata Velha». Os meus filhos às vezes dizem-me: — Ó Pai...! — ... Sou o «Batata Velha» (...).

Este, como todos, ou quase todos, não rejeita o «carimbo»...!

Em relação ao desafio tudo correu bem. Um ou outro pormenor, com muita falta de desportivismo por parte de dois ou três dos mais velhos — mas ainda muito novos — que se esqueceram que quem andou não tem para andar, e também já não se devem lembrar que estiveram do lado de cá durante muitos anos. Daí, os 7-2. Vitória que os mais novos guardaram com algum sacrifício, já que o calor era abrasador. Bem sei que para ambas as partes. Até o árbitro, que os jogadores teimam em fazer dele o protagonista do jogo, erradamente, estava sempre a olhar para o relógio, desejoso por dar o apito final.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

RAPAZ NOVO — Há pouco tempo, chegou aos nossos braços, mais um pequenito. Assume agora o estatuto do «rapaz mais novo da Casa». O seu nome é António e tem ainda três anitos. Tem um problema-zito na visão, que não o deixa distinguir muito bem as coisas, mas mesmo assim, é visual. Ele é tão querido. Gostamos imenso dele e brincamos muito com ele. O António gosta de nós e nós sentimos isso. Oxalá possa crescer connosco e tornar-se um homenzito.

SILAGEM — Todos os anos, os nossos terrenos ficam preenchidos com fileiras de milho. O Amândio, o «Miguelinho» e o «Fernandinho», conduzem os tractores na ceifa do milho. Depois com os reboques, transportam as carradas de silagem para os silos. Alguns rapazes

esperam no local pelas carradas para depois espalharem o milho sobre o silo. Após esta operação, um outro rapaz encarrega-se da aplicação do sal. Depois, coloca-se sobre o milho moído um plástico de grandes dimensões para o proteger da chuva e do calor. Fica assim armazenada mais uns blocos de silagem para alimentar as nossas vacas durante o resto do ano.

OBRAS — As obras iniciadas na nossa Casa 3, estão agora quase no fim. O Sr. Paulo já esteve a pintar as paredes que foram remodeladas e a nossa casa de banho já funciona. O mestre da carpintaria, o Sr. Nascimento, e mais alguns rapazes que lá trabalham, estiveram a colocar tacos sobre o chão. Pôs-se também uma nova porta, depois de ser, cuidadosamente, pintada e envernizada.

SPORTING CP — Dois dos nossos rapazes, Cláudio Dias e Sandro Tiago, foram este mês passar umas Férias Desportivas às instalações do clube português, Sporting Clube de Portugal. Na próxima edição d'O GAIATO, farei um outro relato mais alargado sobre o assunto. Por isso, não deixe de comprar o jornal a um dos nossos vendedores porque irá ver que valerá a pena. Principalmente os amantes do desporto.

Danilo Rodrigues

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — As actividades agrícolas continuaram, mesmo em tempo de férias. Assim, plantaram-se mais couves a alfaces. A propósito, temos comido muitas alfaces, tomates e feijão verde, da nossa horta, que nos fazem bem à saúde.

As aboboreiras têm crescido muito, no pomar, e apresentam, já, boas abóboras.

As videiras, embora não sejam para produção de vinho, têm muitos cachos de uvas de mesa, pintados e a amadurecer. Mesmo tratadas, foram prejudicados pelo calor excessivo, na região.

A milharada que foi semeada, depois de cortada e seca no campo, foi enfiada e recolhida no palheiro.

Quanto aos batatais, primeiro cortámos a rama das batateiras. O batatal do lameiro produziu alguma batata, da qual temos comido. O batatal da terra nova estava uma maravilha! Com o regresso dos Rapazes do primeiro turno, começámos a apanha desta batata, tendo produzido muito. Colocámos as batatas na secção por cima das galinhas e na nossa casa da tia Adelina; cujas ervas do quintal se começaram a cortar.

ANIMAIS — No nosso aviário tem aumentado o número de galinhas poedeiras, compradas na feira de Miranda do Corvo. As galinhas mais novas foram colocadas no galinheiro junto dos gansos, mas separadas, para não serem picadas. Têm posto, em média, 10 ovos por dia. Já

RETALHO DE VIDA

Para se construir um homem novo, é necessário uma educação intelectual.

Gomes Manuel Soares é o meu nome, também conhecido como «Fredy»; Malanje, cidade que me viu nascer aos 19/02/1989, de uma família humilde, sendo o quinto filho dos sete irmãos. Casa do Gaiato, o *habitat* que me viu em todo o meu desenvolvimento físico e intelectual, porque o Padre Telmo deu-me a paz que um dia eu sonhei.

Um desejo é um caminho, eu desejo jogar no Futebol Clube do Porto, o meu Clube do coração, porque eu amo o futebol.

Momentos desagradáveis são os que enchem 70% de mim e o resto os agradáveis que todos gostariam de ter amor, mas é com estes momentos que nós aprendemos os verdadeiros caminhos da vida.

O que mais me encanta, desde que ingressei na Obra da Rua, até ao momento, é o ser filantrópico desta Obra audaciosa. Gostaria de um dia ser um dos contribuintes desta Obra, porque têm de ser os Rapazes os contribuintes dela em companhia de Nosso Senhor Jesus Cristo e Sua Mãe Maria Santíssima.

Existir é construir um projecto. Eu sou um dos projectos construídos desta Obra.

O meu desejo é ser um futebolista.

«Fredy»



comemos dos nossos ovos, em várias refeições, e são muito bons!

Um bovino esteve adoentado da pança e não queria levantar-se. Entretanto, com a palha seca, melhorou.

Uma porca, com vários anos, foi abatida. Alguns Rapazes corajosos participaram na matança. A sua carne tinha pouca gordura e foi conservada na câmara frigorífica. As ovelhas foram todas tosquiadas, como é costume; e, agora, resistem melhor ao calor.

BENS ALIMENTARES — As Escolas do 1.º Ciclo da Conchada e de Coselhas, em Coimbra, e de Miranda do Corvo deram-nos leite escolar que não foi consumido. Uma empresa da zona industrial de Coimbra ofereceu-nos chocolates.

Um Amigo de Lamas tem sido frequente nas suas ofertas. Trouxe carne, ovos e 2 coelhos.

Uma Padaria perto de Mira tem-nos dado pão e bolos, para a nossa Colónia de férias. Outra Padaria vizinha nossa e outra de Coimbra, às vezes, também nos dão sobras.

De várias localidades, como Santa Comba Dão, Almeirim, Lousã, Rio de Vide, deram-nos outras coisas.

Vários Amigos, por carta ou pessoalmente, têm partilhado connosco para ajudar nas necessidades básicas da nossa Casa. De facto, por exemplo, em combustíveis, seguros, agricultura, electricidade, entre outras, as despesas têm sido muitas. Vieram fazer jeito mais alguns cestos que foram comprados para a roupa suja e, assim, evitar pô-la no chão.

A todos os que não se esquecerem de nós, o nosso muito obrigado!

ELECTRICIDADE — De vez em quando, é preciso fazer reparações eléctricas. Recentemente, foram arranjadas várias fichas partidas e lâmpadas; o que exige atenção para

não se estragarem.

Um frigorífico novo, que estava na despensa, foi posto a funcionar e é muito útil.

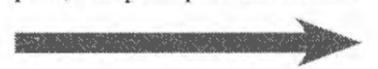
As luzes acesas com Sol e os rádios a tocar para as paredes são coisas a evitar.

PISCINA — O motor da piscina avariou; mas, já foi consertado. Com a aplicação dos produtos próprios para tratamento da água e a aspiração voltou a ficar transparente e boa para as nossas banhocas, no fim do trabalho, de manhã, à tarde e ao Domingo.

PRAIA DE MIRA — A 18 de Agosto, o primeiro turno de Rapazes, depois de um mês de férias, junto ao mar, regressou a Miranda do Corvo. Descansaram, tomaram banhos, jogaram futebol e passearam, para além das obrigações. A maioria terá cumprido. Comemos gelados várias vezes. O Rúben Fonseca foi o chefe do turno. Entretanto, nesse dia, seguiu o segundo turno, de Rapazes mais crescidos. Foram 11, com o Leandro por chefe. É preciso respeitar lá também as regras da Casa. O Fábio, porque chumbou, ainda não foi.

SAÍDA — O Vítor Neves, ao atingir a maioridade e com o curso de Carpinteiro mostrou vontade de regressar à sua terra (Vila Franca de Xira) e viver com a mãe. Esteve em nossa Casa desde pequeno. Ficam cá mais dois irmãos. Desejamos-lhe felicidades e que arranje trabalho.

VIDA ESPIRITUAL — Os Rapazes que se encontram de férias, na praia, têm participado nas Eucaris-



Património dos Pobres

AS alegrias e as tristezas são para comunicar aos nossos Amigos! Mais aquelas dos que estas!... As amarguras pessoais não devem sair do «segredo de Deus» e permanecem escondidas aos olhos dos homens, mas as satisfações, essas não, que reconfortam a alma de todos!...

O Jacinto Ribeiro é um rapaz do Barreiro que eu recebi na Casa do Gaiato de Setúbal há 22 anos.

Foi uma senhora da Igreja de Santa Maria, daquela cidade, que doída pela situação do menino, veio um e outro ano instar comigo para que o acolhesse.

Após o primeiro contacto fui ver. Não era por desconfiar de ninguém, mas para ter consciência real do caso e fazer, logo ali, na minha mente, de forma viva e consistente a ficha do rapaz. Método que sempre usei e de que nunca me arrependi.

Os relatórios, mesmo bem feitos e verdadeiros, dizem sempre muito pouco.

Era uma conjuntura dolorosa e urgente.

O rapaz, de 9 anos dormia num carro abandonado, ia comer à avó, enquanto a mãe vivia com um homem que não era seu pai, numa exígua barraca de madeira velha coberta de chapas de zinco e ferro.

Ele quase não falava e a maior parte das palavras, mesmo as mais simples, saíam-lhe de forma deficiente, denotando, com clareza, que em pequenino ninguém falou com ele!... Escola? — Nem pensar!...

No primeiro contacto, a senhora ainda mantinha a esperança que uma casa do Estado o admitisse, mas passado um ano, desesperada, voltou à Casa do Gaiato, implorando com lágrimas: — que a criança não tinha escola, estava completamente abandonada, sujeita a fazer-se um vadio... um ladrão!... etc.

Disse que sim e ela trouxe-o.

O menor não era destituído de todo embora o abandono o tivesse marcado muito e o atrasasse no seu desenvolvimento integral.

Com 17 anos fez o 5.º ano de escolaridade, administrativamente, ficando a saber assinar o seu nome, contar o dinheiro e... pouco mais.

Valeu-lhe o trabalho. Em Casa, com os restantes rapazes e comigo, desenvolveu hábitos de trabalho e manifestou sempre intenção e afinco para realizar qualquer tarefa. Na lavoura, nas obras, na vacaria, na cozinha, na limpeza ou na copa, o Ricardo nada sem seu nome: — Brioso, consciente, sacrificado.

Aprendeu bem a fazer massa de pedreiro, a ter noção dos lotes, a dar serventia. É hoje a sua profissão.

Ganhou algum dinheiro e arrecadou-o. A conta bancária, aberta comigo e bem gerida, surpreendeu-me com a quantia de vinte mil e tal euros!

Presentemente, o moço, já não está na Casa do Gaiato, como quase todos os que deixei quando os Pais da Rua me enviaram para Paço de Sousa.

Juntou-se com uma rapariguita, irmã de quatro

gaiatos seus colegas, e alugou um quarto com serventia de cozinha, com outros pares, no mesmo apartamento e, segundo eles relatam aquilo é uma balbúrdia ignóbil. O palavrão, o desacato e briga tornaram a convivência insuportável e a habitação detestada.

Telefonou-me muitas vezes! Ainda levantou, com meu conhecimento e assinatura, 500 euros para os primeiros dois meses; desejava sair daquele sujo ambiente para qualquer lado.

Através da magnífica esposa de outro gaiato, a trabalhar numa imobiliária, teve conhecimento que havia um andar, de três assoalhadas, à venda por 25 mil euros, num bairro de habitação social, mas bem inserido na cidade. Precisa de obras, mas reúne condições para viverem lá enquanto eles próprios, com outros gaiatos a ajudar, as forem fazendo.

Pareceu-me um achado! Fui ver!

Ataquei logo com 1500 euros de sinal. O Ricardo dá 20.000 euros. O Património atribui o resto para que ele não fique descalço no Banco.

A construção é recente, não tem mais de 25 anos. O condomínio é barato, desprovido de elevador. É um terceiro andar, despoluído, bem arejado, de boas vistas e com óptima orientação relativamente ao sol.

Então, Garcia, não te casas?... Estão a viver como os gatinhos!... Um homem não é um cão, nem boi!... Vê lá, olha a tua dignidade!... — «Ainda é cedo», foi a resposta.

A mulher é realmente nova e pouco evoluída. Sobre ela, ao longo da vida, na família, faltou-lhe o trabalho promocional humano que foi feito nele! Mas que havemos de fazer agora? Os dois se amparam afectivamente... e... isso é já bom!

A formação religiosa dela também foi quase ou totalmente nula!...

Os dois precisam de ser incluídos nesses movimentos cristãos mais convictos e apostólicos para se instruírem e formarem na Fé. O Espírito de Deus não dorme e, nestas animações espirituais muita gente se equilibra, se encontra consigo e com Deus!

Depois!... se chamados... casarão.

O ambiente cultural levou-os a juntarem-se, por falta de convicção, como noutras regiões arrasta ao casamento. Será necessário que, quando optarem definitivamente por viverem uma vida com Deus, o façam convictos e felizes, saboreando gostosamente os dons de Deus e a Casa que o Senhor lhes proporcionou.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.º Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

tias vespertinas, no oratório da Casa.

A 24 de Julho, o sr. Padre Saúl foi confessar os Rapazes do primeiro turno, à nossa Casa na Praia de Mira. Ao fim da tarde, o sr. Padre Rolando confessou na nossa Casa de Miranda do Corvo. Temos de aproveitar estes momentos.

A 28 de Julho, a nossa Comunidade celebrou a Eucaristia, no 79.º aniversário da ordenação do nosso Pai Américo — Padre Américo! Chegar ao Altar foi um caminho difícil...

Alunos do Alternativo

MALANJE

COMO DESPERTAR O VALOR DO TRABALHO EM NOSSA CASA — A espinha dorçal da Obra da Rua é trabalho dos Rapazes, não

só porque o trabalho ajuda as finanças da Obra. Pelo contrário, o trabalho ajuda o desenvolvimento intelectual de qualquer Pessoa. Por isso, a ânsia e o querer trabalhar tem de ser um dos elementos constituintes da Pessoa. Porque chega um momento que a vida nos pede o trabalho mesmo que seja difícil mas temos que fazer, é assim que se define um homem.

Nós temos que aprender que a vida exige um pouco de esforço, porque não há benefício sem sacrifício e porque é trabalhando que se destroem algumas ilusões do homem.

Como conselho aos mais novos da caminhada, digo que nunca as instruções onde passamos têm culpa dos acontecimentos tristes, eles são como a terra, germinam e produzem as sementes que se confiam. Por isso, empenho, optimismo e certeza no que temos que fazer tem que ser o nosso dia-a-dia.

O mau humor, a euforia, são ópios que acabam impondo o fracasso nos

Rapazes, O achar que não vai dar certo, só cabe na cabeça de um pessimista. E o que mais brota no íntimo destes Rapazes é que a tristeza e a alegria reside no seu «eu».

Gomes Manuel Soares

Outubro

Continuação da página 1

Festa que não desdesse daquelas a que o nosso «público» se habituara. Daí a minha dor diante daqueles protestos tão amigos!

Este ano, posto de parte o complexo de inferioridade, a tónica da Festa será o **Encontro**, com o sabor familiar das que Pai Américo proporcionou, com tanta emoção dele e de todos os que participavam. Vamos todos, pois, estar atentos: Marcar no calendário o 9 de Outubro e tratar, a tempo e horas, dos bilhetes para a Festa dos Gaiatos que voltam ao Coliseu nessa noite. Ainda temos duas edições d'O GAIATO para notícias mais concretas.



Pão de Vida

Continuação da página 1

Porém, em retratos do seu tempo de seminarista, Américo Monteiro de Aguiar surge, nalgumas situações, sem essa indumentária...; que, depois, não largou até à sua viagem para o Céu.

Depois, o Padre Américo foi, ainda, seu Padrinho de Crisma, celebrado na Capela da Anunciação, do Seminário de Coimbra, no dia de Pentecostes, a 8 de Junho de 1930, pelo Bispo D. Manuel Luís, conforme escreveu: «*Quem iria ser meu padrinho? Não fui eu que o escolhi, mas é com uma secreta ufania que o digo: o Padre Américo Monteiro de Aguiar.*»

Ainda a propósito da disciplina eclesial anterior ao Concílio, refere-se à inauguração e bênção da Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, a 24 de Março de 1946, cujo relato registou, num caderno de apontamentos: «*O Padre Américo convidou-me para ir a Paço de Sousa assistir à bênção da Capela. Dormi na casa-mãe, junto do quarto do Padre Américo. Celebrei missa na igreja matriz. Quando vim para cima, já o senhor D. Agostinho de Sousa tinha iniciado as cerimónias da bênção. Ao Evangelho, o Prelado falou. Não é orador. Quem tinha sido indicado para falar era o Padre Américo. Foi do próprio Bispo essa indicação, mas, passados dias, escreveu-lhe de novo a dizer que não, pois o Padre Américo não tinha feito exame de pregador!...*»

Entretanto, também trocavam alguma correspondência, como se comprova por esta bela missiva: «*Reze por mim, para eu não cair no chão; ou, caindo, que dê fé! Seu muito dedicado in C.J.J.P. Américo!*».

Finalmente, 52 anos depois, professor e aluno, padrinho e afilhado reencontraram-se às portas da justiça. O mestre e o discípulo foram bons cultores da língua de Camões. D. Manuel Trindade subiu outro degrau na Ordem, do serviço; e ambos mereceram, certamente, a coroa de glória! Pode acontecer que ajude a dar um empurrão para que seja confirmada, pela Igreja, a veneração ao Servo dos garotos da rua e Recoveiro dos Pobres, 120 anos depois do seu nascimento.

Padre Manuel Mendes

O segundo acontecimento será no sábado, 18 de Outubro, à tarde, na Biblioteca Almeida Garrett, no Palácio Cristal: A apresentação de «Textos Escolhidos» de Pai Américo, cuja primeira edição foi há trinta anos iniciativa da Editorial Inova e agora volta a ser da Editora «Modj de Ler», fruto da mesma paixão, digo melhor, de uma paixão mais madura e mais provada, que o tempo se tem encarregado de o demonstrar.

Esperamos que esta apresentação seja realizada de forma bem viva, tendo por núcleo a leitura de textos belíssimos de Pai Américo, um artista extraordinário da Língua Portuguesa — e é bom que em tal reparem gentes das Letras e das Artes.

Contamos na próxima quinzena já podermos, com mais certeza, desvendar a surpresa de quem serão os Leitores.

Padre Carlos

SETÚBAL

Somos a Casa do Gaiato

HÁ dois meses que não tinha dinheiro para pagar à ama que cuidava do filho. Veio da Guiné-Bissau com o pequeno para efectuar operação médica, que aguarda oportunidade. Vive exclusivamente dos trabalhos que faz.

Esta é uma de muitas situações que existem, de crianças que vieram de países estrangeiros, normalmente ex-Colónias portuguesas, para efectuarem, no nosso país, tratamentos médicos. Entre nós encontram o apoio médico de que necessitam, mas nada mais.

O sustento diário, têm de o procurar. Com a criança por sua conta, sem ajuda de particulares ou do Estado, como poderão providenciar por esse sustento? E as deslocações ao hospital? E os medicamentos?

São já alguns, os casos a que demos a mão. Fica a criança

por nossa conta e o adulto que a acompanha, normalmente um familiar, tem de organizar a sua vida e prover à sua sustentação. Não será esta a solução ideal mas a realidade vem mostrando que é feliz o seu resultado.

É pena que os Serviços do Estado não façam por situações como estas, a triagem que fazem com outras situações...

Foi o caso de um adolescente para quem nos pediram ajuda. Vivia sozinho com o pai. A mãe falecera há vários anos. Muito recentemente, uma doença vascular atirou o pai para uma cama do hospital. O rapaz ficara sem ninguém. Combinou-se a vinda dele, ainda que temporária, até ver a evolução da doença do pai.

No dia seguinte, o marcado para a sua vinda, a Senhora que se preocupava com ele e que falara conosco, telefonou-me dizendo que

a Segurança Social havia tomado conta do seu protegido...

Ontra situação; a de um rapaz que veio para nós, e que um Serviço de Menores, já depois de ele estar conosco, tudo tem feito para o retirar de cá. Insistiu com os diversos familiares para o acolherem, mas por nenhum ter condições para tal, finalmente ofereceu-lhes um «colégio de elite» para aí o receberem. Eles não aceitaram.

Nós, de facto, não somos de elite, nem sequer colégio, somos simplesmente a Casa do Gaiato. Mas porque não gastam o seu tempo e dinheiro com as muitas situações urgentes e de grande carência como aquelas que referi no início?

Vamos ver se em Setembro, passado o período de férias, não teremos novidade!

Padre Júlio

MALANJE

Reflectindo

FAZEI crescer uma árvore — li hoje na *Revista Cidade Nova*. A semente foi lançada por Chiara, fundadora dos Folcolares. Nasceu, cresceu e dá fruto.

Pai Américo fez o mesmo: plantou, fez crescer, ficou árvore — ramos, sombra e frutos.

No dia 6 de Setembro será a reunião dos antigos gaiatos de África, suas esposas e filhos. Já se reuniram os do Norte, do Centro e do Sul. Tantos filhos e netos a dizerem sim e a darem credibilidade.

No dia 6 estarei na nossa casa da Arrábida para dizer aos de África que os ventos não partirão os ramos e estes continuarão a dar frutos. «Deus providenciará».

* * *

Ao terminar a primeira parte deste reflectindo, aparece o Teles, gaiato do tempo de Pai Américo, já com filhos e netos. Um abraço e um beijo: ramos e frutos. Convidou-me para o almoço que seria debaixo dum grande figueira que tem na eira. As raízes levantaram as pedras — mas os ramos, os frutos e a sombra, acolhem a família.

Logo a seguir, entram no escritório os netos do Fernando Dias — mais quatro beijinhos — ramos e frutos da árvore, hoje, frondosa: a Obra da Rua.

Ainda eu os beijava, apareceu o Lupricínio que me foi entregue em Malanje. Havia guerra em Saurimo e as Irmãs entregaram-mo, com três anos, traumatizado com os tiros entre o MPLA FNLA. Logo a seguir rebentou o tiroteio em Malanje e o Lupricínio fugia até me encontrar e sentar-se nos meus joelhos. Veio com sua filha — uma netinha querida que me convidou para a festa dos seus 10 anos. Não é linda e certa a nossa vida de Família?

Eis queridos Amigos da árvore que Pai Américo plantou e vós ajudastes a crescer e sois a esperança da sua continuação.

Padre Telmo

BENGUELA

Pelos Rapazes

A preparação das eleições, em Angola, levou à suspensão das aulas por um período bastante longo. Os primeiros anos escolares merecem uma atenção muito cuidada. Os mais pequenos esquecem facilmente o que aprenderam no primeiro período. Daí, a necessidade de responder, da melhor forma possível, a este inconveniente. E conseguimos. Não foi necessário ir fora da porta da Casa. A solução está dentro. Um grupo dos mais velhos que estudam no ensino médio assumiu o acompanhamento dos cinco primeiros anos escolares. Não faltou a ajuda duma professora amiga que vive também dentro das nossas portas. Na hora em que vos escrevo estão nas salas de aula.

Este passo, no caminho da nossa vida ordinária, está cheio de riqueza humana. A construção da nossa história faz-se a partir de nós mesmos, quer como indivíduos, quer como comunidade. Quando Pai Américo descobriu o caminho para ajudar cada rapaz a ser um homem, entrou no coração das chamadas ciências humanas. A partir daí nasce o lema que identifica o projecto de vida da Casa do Gaiato: *De Rapazes, Para Rapazes, Pelos Rapazes*. Esta forma de pensar e agir não dispensa toda a ajuda possível para levantar o edifício humano de cada um. Por isso, estou a escrever-vos tranquilo e feliz, com o pensamento nas salas de aula que, lá fora, estão vazias e as crianças na rua. Cá dentro,

porém, estão ocupadas, como em tempo normal, por um período conveniente.

Esta é uma Nota da nossa vida que desejo partilhar convosco. Mais outra que está a enriquecer o nosso dia. Uma empresa decidiu, há tempos atrás, oferecer-nos alguns computadores com o objectivo de prepararmos os nossos rapazes para o uso dos novos instrumentos de trabalho. Nasceu, deste modo, o centro de informática, com os primeiros cursos dados por gente escolhida dessa mesma empresa. Mais, não queriam ver no meu escritório a tradicional máquina de escrever, mas um computador e uma impressora, depois de fazer o primeiro curso. Assim aconteceu.

Não estou arrependido de ter dado estes passos.

Neste momento, precisamente, está a decorrer um curso de informática para rapazes nossos, sob a orientação de três monitores, também filhos a viver nesta nossa Casa do Gaiato. Deste modo, cumpre-se, duma forma tão linda, o princípio pedagógico: — Pelos Rapazes! Mas queremos ir sempre mais longe. Quem nos dera ter à frente das nossas oficinas os Rapazes criados em vossa Casa! Seriam os mestres. Ninguém melhor do que eles próprios para se entenderem mutuamente. Já temos o exemplo da nossa seralharia que é orientada por um rapaz mais velho, das primeiras gerações. Os postos, que podem ser ocupados por eles, pertencem-lhes, por direito.

Este ideal, como todos os ideais que estão no cimo da montanha, é de acesso difícil. Pede muito amor, muita paciência, muita confiança e, sobretudo, muita esperança. Neste sentido, também,

queremos dotar os rapazes de cursos de formação profissional. Dentre eles pode nascer a vocação da sua entrega, com família constituída, ao serviço dos seus irmãos. Esta porta está aberta, desde o nascimento da Obra da Rua. Os grandes beneficiários são sempre os filhos que nasceram e continuam a nascer nesta família que é a Casa do Gaiato.

O nosso coração, porém, não é queimado, apenas, pelos de dentro. Antes de subir ao escritório, donde vos escrevo, um grupo de doentes muito pobres, com as receitas na mão, vêm pedir

dinheiro para a compra dos medicamentos. Mais um grupo, com a paciência de todos os dias, pede cimento e chapas para segurar a pobre casinha, que mais parece uma cubata e cobri-la, porque o tempo seco está no fim e virá, depois, o tempo das chuvas. Filhos e filhas, a dormir no chão, vêm pedir dinheiro para comprar o colchão.

Quem me dera sentir sempre as vossas vidas presentes, também, nestas vidas. Doutra modo, ficaremos prostrados no chão.

Padre Manuel António

Angola-Malanje

Continuação da página 1

perguntas e saudades. Lá dentro esperava-nas Padre Rafael e com ele estava também Padre Eduarda. Foi-nos apresentada o casal Bartalameu e sua esposa, D. Monserraz, um casal espanhol que ali presta um excelente serviço de voluntariado. Ao jantar um rapaz, chefe-maioral, improvisou uma saudação de boas vindas que nos comoveram. Saiu um arroz com feijão... Deram-me o quarto do Padre Telmo para dormir, com a recomendação de que aproveitasse o calor da esteira, duas velas e a aviso de que em breve o gerador seria desligado.

De manhã, movido pelo hábito, procurei usar o telemóvel, mas em vão. Disseram-nos que só na cidade havia acesso à rede.

Padre Rafael prontificou-se a elaborar um breve programa comigo para estes dias que incluía uma visita à Carianga, uma enorme fazenda da Casa a uns escassos quilómetros. Ali, apreciámos o projecto do «Calvário» já em fase de orranque. Fizemos os nossos reparos e observações que achámos oportunos. Agendámos uma visita à Casa, às infra-estruturas, oficinas, pecuária, etc.

Na cidade, visitámos o Hospital, o Sé Catedral e fomos cumprimentar o Senhor Bispo D. Luís Maria, que amavelmente nos recebeu e convidou para almoçar. A Casa do Gaiato, enquanto instituição esteve no centro do nosso diálogo. Recordada e apreciada carinhosamente pelo Bispo bem como a pessoa do nosso Padre Telmo. Ali recordámas, também, um grande Bispo de Angola, o primeiro da Diocese de Malanje, D. Manuel Nunes Gabriel, pela mão do qual ali chegámas. Recordar D. Manuel Gabriel, foi um reviver de emoções acerca deste grande Bispo, poi da Igreja angolana.

Tal como em Benguela, também em Malanje a nota dominante é a juventude, constituído como desafio pastoral à Igreja na vertente da Educação. É uma mole imensa de gente nova que enche o cidade. A maioria, parece andar à deriva, «sem eira nem beira»... Também aqui o nosso lugar é uma urgência e a nossa vocação um desafio. Quem vem? Quem se decide a partir?...

Momento alto desta estadia foram, tanto em Benguela como em Malanje, as reuniões com os chefes das casas, sem pressas, diálogo aberto e franco, grande curiosidade por saber, «como é par cá», momentos emocionantes em que os rapazes espontaneamente manifestaram o seu amor e gratidão por com o Obra que os adoptou como filhos no meio de uma orfandade tão perceptível a vários níveis... Foi um testemunho que guardámos saudosamente.

Padre João